

ANNO XV. — NUMERO 8.

AGOSTO DE 1877.

JORNAL
DAS FAMILIAS

PUBLICAÇÃO ILLUSTRADA
RECREATIVA, ARTISTICA, ETC.



RIO DE JANEIRO
B. L. GARNIER, EDITOR-LIVREIRO

65, rua do Ouvidor, 65

PARIS, E. BELHATTE
14, rua de l'Abbaye-Saint-Germain, 14

1877

INDICE D'ESTE NUMERO

SYLVESTRE (fim), por Victor de Paula.

O ENTERRO DE UMA VIRGEM, por Ernesto Castro.

LUCIA (continuação), por Leocadio Pereira da Costa.

POESIA :

Estancias, pelo D^r P. de Calasans.

MOSAICO :

Anecdotas, por Paulina Philadelphia.

MODAS :

Descripção do figurino de modas.

TRABALHOS :

Explicação da estampa de bordados e trabalhos.

Explicação da estampa de moldes.

Explicação da estampa grande de trabalhos diversos. Recto.

Explicação da estampa grande de trabalhos diversos. Verso.

Explicação da gravura sobre madeira : *O Castello de Habsburgo.*

ACOMPANHAM ESTE NUMERO

1º Um figurino de modas colorido.

2º Uma estampa de bordados e trabalhos.

3º Uma estampa de moldes.

4º Uma estampa grande de trabalhos diversos. Recto.

5º Uma estampa grande de trabalhos diversos. Verso.

6º Uma gravura sobre madeira : *O Castello de Habsburgo.*



REDACTORES E COLLABORADORES

Dr. Augusto Fausto de Souza.

Augusto Guanara.

Dr. Bern. Joaq. da Silva Guimarães.

D. Emilia Augusta Gomide Peuido.

Ernesto Castro.

Heitor da Silveira.

D. Honorata Minelvina Carneiro de
Mendonça.

Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

Joaquim Norberto de Souza e Silva.

J. L. Teixeira de Macedo.

Dr. José Joaquim de Pessanha Povoá.

José Rufino Rodrigues Vasconcellos.

Juvenal Galeno.

L. G. P. Guimarães Junior.

L. L. Fernandes Pinheiro Junior.

Machado de Assis.

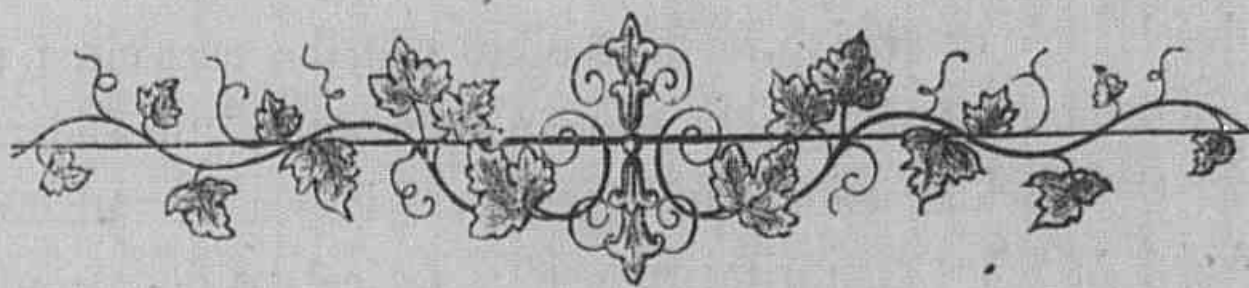
D^r Manoel Duarte Moreira d'Azevedo.

D. Maria Ignacia Magna.

D. Paulina Philadelphia.

P. A. Gomes Junior.

V. Colona.



SYLVESTRE.

F I M.



ão vá trabalhar agora disse Camilla.

— Porque não?

— Porque eu não quero.

Sylvestre insistio; ella repetio-lhe a prohibição, não já com a voz doce, mas com alguma cousa da irritação felina. Sylvestre cedeu de má vontade; encostou-se á janella e estendeu os olhos ao mar. No fim de algum tempo, ouviu um pequeno grito. Voltou-se. Camilla erguera a ponta da toalha que cobria o painel, levantára a pouco e pouco até descobril-o todo. Sylvestre não correu para ella; deixou-se ficar de costas para a janella, a olhar para as duas Venus.

Era o sentimento da arte que lhe arrancára o grito, que lhe abria extraordinariamente os olhos? Não; era a simples vaidade de moça bonita. As feições da Venus eram as suas. Camilla correu emfim ao pintor, pegou-lhe nas mãos e beijou-as.

— Magnifico! magnifico! exclamava ella.

Sylvestre contemplava o quadro com egual admiração. A Venus, expulsa

do céo, descia pelo ar abaixo, com os olhos voltados para cima, uns olhos travados de colera, mas da colera triste e impotente, que são as quedas definitivas. Os cabellos, soltos no ether, pareciam a derradeira aureola da divindade. As mãos comprimiam o peito, os joelhos dobravam-se mollemente; a figura despenhava-se levada pelo vento da morte. O painel não estava prompto; e ainda prompto, faltar-lhe hia muita cousa que a mão inexperiente do artista lhe não dera. Comtudo, era a aurora de um magnifico dia.

Camilla não cabia em si de contente. Elle explicou-lhe o pensamento da composição, que a moça ouviu com a mão d'elle presa entre as suas.

— A senhora ha de perdoar, se tive o atrevimento...

Camilla respondeu com um muxoxo de faceirice que bem exprimia a vaidade satisfeita. O painel era a sua propria apotheose. Que importava que a Venus alli pintada fosse apenas uma Venus, em vez de uma Santa Cecilia, e fugisse do céo em vez de caminhar para elle? Era o seu retrato, tanto bastava. A vaidade, porem, não fallava no animo do artista; elle via a moça radiante, como um applauso e não se deixava levar do applauso. Contemplava a obra, ainda longe do ideal que desejava dar ao mundo; via só o que estava feito e o que havia por fazer.

Dalli em deante, Camilla foi admittida a vel-o trabalhar no painel; elle rectificava uma linha contemplando-lhe o rosto, avivava a expressão dos olhos fitando os d'ella. Camilla orgulhava-se da obra; e nunca o famoso gato que o marido dizia haver no cerebro da moça se agitou mais frequentemente, nem mais subito passou do molle affago á aspera irritação. A mulher de Luiz Borges parecia subir ao céo á medida que Venus descia; as occupaões caseiras eram-lhe já agora insupportaveis; rispida com todos, quasi só era affavel com o rapaz.

Emfim o painel foi concluido, certo dia em que o advogado e a mulher sahiram a jantar fóra. De noite, Sylvestre deu a noticia ao advogado.

— Sim? clamou este. Não lhe quero dar um abraço antes de ver a obra; mas prometto-lhe que se fôr qual a esperamos, fica com duas cosellas partidas.

Sylvestre sorriu.

— Verá amanhã de tarde, disse elle.

De manhã acabado o almoço, Camilla subio ao aposento do joven pintor. O painel estava descoberto; Sylvestre, sentado na borda da janella que era baixa, contemplava o namorado. Não a vio entrar; não lhe ouviu os passos sequer. Camilla parou a olhar para elle. Ao cabo de alguns minutos, aproximou-se lentamente; de pé, ao lado do artista, tambem

ella ficou largos minutos a namorar a obra. Quanto tempo alli estiveram? Nenhum d'elles poderia dizel-o. Sylvestre accordou emfim; a sua mão, entre as de Camilla, tremia de commoção.

— Não é tudo o que eu sonho, disse elle; mas respiro emfim, porque eu precisava tirar isto de mim.

Camilla não lhe disse nada, seu rosto, sereno e expansivo alguns minutos antes, tornára-se sombrio e o olhar atterrado.

— Que é? perguntou Sylvestre.

— Não me havia lembrado nunca... este quadro..... Se outros o virem, se fôr exposto ao publico... ver-se-ha o meu retrato...

— E então?

— Luiz não ha de querer.

— Mas porque?

— Ora, você bem sabe... são escrupulos. Oh! Luiz não ha de consentir nunca! Mas que loucura foi a nossa?.. Eu devia tel-o impedido desde que você começou.

A commoção crescia; a moça andava de um para outro lado, ora falando a Sylvestre, ora comsigo, Sylvestre fel-a parar, segurando-lhe em uma das mãos.

— Descance, disse elle.

— Como?

— Não apparecerá o quadro em publico.

Os olhos de Camilla responderam primeiro que os labios.

— Sim? disse ella.

— Affianço-lhe.

— Mas...

— Descance; será um quadro de familia; ficará no lugar mais escondido da casa, ou no mais publico, á vontade do Dr. Borges.

Camilla voltou os olhos para o quadro.

— Mas então, disse ella tristemente, — perderá você a reputação; seu trabalho não será visto de ninguem.

— Que importa? Eu tinha necessidade de o fazer, não de o expôr. É bonito?

— Delicioso!

— Isso me basta!

Sylvestre voltou a sentar-se na borda da janella. Approximando-se a moça, referio-elle minuciosamente toda a sua curta vida, curta para os factos, longa para os sentimentos. Estes, sobretudo, ninguem os conhecia ainda; só elle podia repetir as commoções sentidas, as lutas ante-

riores, os sonhos desfeitos e renascentes, labutar da vocação, que acha obstaculos em cada pedra do caminho e os doma e vence. A moça ouviu-o com a mais terna e submissa das attenções. Era uma alma que se despia diante d'ella, que lhe confiava os mais intimos segredos.

— Mas, disse ella quando elle acabou, — se não me tivesse conhecido teria feito a sua Venus tão bonita?

Sylvestre pôde reflectir e não responder. A resposta affirmativa ou não, seria a expressão da verdade? Mas a mulher de Luiz Borges insistio; força era dizer alguma cousa.

— Não faria, murmurou elle.

— Jura?

Não são cousas que se jurem; mas creio que não podia fazer tão bonita, se a não conhecesse.

Oh! eterna vaidade! A resposta de Sylvestre encheu de luz e alegria o rosto da moça; ella agarrou-lhe nas mãos e beijou-as. Casto era o movimento; mas a viveza foi tal que o pobre rapaz empallideceu e entrou a olhar assustado para Camilla. Os olhos da moça, pregados n'elle pareciam devoral-o. Nunca a fatuidade olhou mais complacientemente, nem com tanto fogo, mas tambem nunca a alma de um rapaz foi mais illudida. Sylvestre, com as mãos para traz, fincadas no telhado, parecia querer fugir a moça.

— Vaidoso! pensou Camilla. Depois proferio risonha este gracejo insulso :

— Se Luiz morresse, você casava commigo?

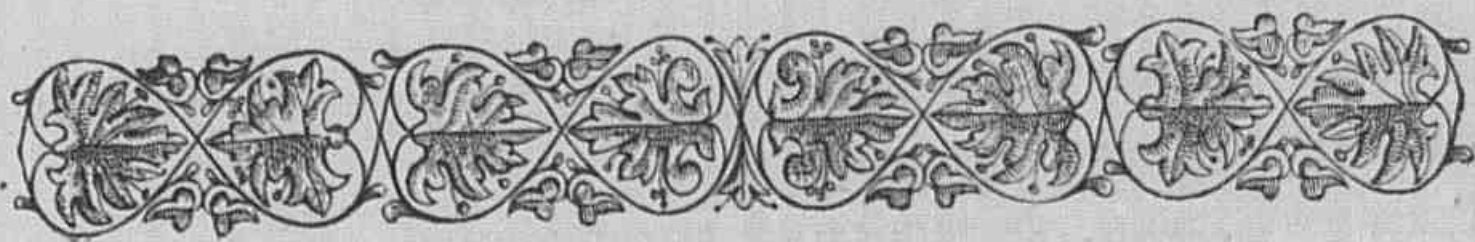
— Não! não! murmurou Sylvestre.

Camilla recuou dois passos da janella; a pallidez de Sylvestre assustava-a. Ia a fallar, mas já elle não a podia ouvir, atirando o corpo para traz rolára pelo telhado ábaixo até á rua, Camilla soltou um grito...

Agora, o melhor era ir buscar o joven pintor vivo e são, fazer com que os dois se explicassem; restituil-o á familia e pendurar o quadro. Mas se as cousas não se passáram assim! O rapaz morreu; Camilla enlouqueceu quasi; os paes não tiveram nenhuma consolação na terra, — nenhuma, alem da memoria do filho.

A morte teve uma explicação : o delirio do talento satisfeito. Foi a explicação de Luiz Borges e dos paes do artista. Mas ha outra explicação muito mais exacta; Sylvestre illudio-se; vio um gesto de amor onde havia uma alteração de vaidade ingenua. E tendo obtido tudo o que queria, que era a belleza de Camilla, fugia-lhe desde que lhe suppoz a offerta do coração.

VICTOR DE PAULA.



O ENTERRO DE UMA VIRGEM.

I.

Era no mez do Julho...

As campinas do céo estavam illuminadas por milhares de fulgurantes estrellas que, sem querer, fazia-me extasiar ante a magestosa obra do Creador.

Jupiter, o maior planeta do universo, esse outro mundo perdido na immensidade, brilhava com tanto esplendor como se fosse Venus.

O Cruzeiro do Sul com o lado superior meio inclinado da parte do norte, fazia^s refulgir a luz das suas quatro estrellas; mostrando a sua ineffavel belleza e fazendo-me recordar do augusto supplicio do Christo.

A via lactea cortando de sul a norte, desenhava o seu longo sendal esplendente de luz esbranquiçada, a qual conta a fabula — ser proveniente de uma gotta de leite que Juno deixou cahir no céo em occasião que amamentava Hercules; mas que, na verdade, não passa do ajuntamento de myriadas de pequenas estrellas.

Marte, esse planeta a quem os homens da sciencia cosmographica já tem descoberto, com apurados telescopios e profundos estudos, os seus elementos, que são eguaes aos da Terra, e, portanto, mui provavel habitado por sêres, brilhava com a sua luz sanguinea, do lado do oriente.

Só faltava o planeta Venus n'essa immensidade para brilhar com a sua

poetica luz no meio d'esses tantos sóes; mas n'essa occasião achava-se reverberando no outro hemispherio.

Fazia gosto, pois, de admirar-se as campinas do céo, riquissimas de rutilantes constellações proprias de um paiz tropical.

II.

E uma noite tão bella assim, estava marcada para o enterro de uma linda virgem de quinze annos!

Quando o relógio apontasse meia noite, o prestigio funebre seguiria para a necropole sob a luz sideral das estrellas e a luz sinistra dos cyrios mortuarios!...

Não passava da lembrança de uma alma poetica de pae.

III.

Maria da Soledade, chamava-se a virgem. Foi um lyrio que não havia ainda bem desabrochado e já fanava a hastea tombando para a terra o mirrado calix que, apezar de precoce, tinha deixado exhalar o seu suavissimo perfume!

Todos que haviam conhecido Maria da Soledade, eram unisonos em dizer, que jámais conheceram virgem de uma bondade, caridade e intelligencia tão admiraveis.

Portanto, como não lamentariam o seu passamento?

IV.

E os paes de Maria da Soledade, como não estariam inconsolaveis da morte d'essa unica filha!...

E, no entretanto, cousa admiravel, estavam summamente resignados! Porque seria?

É que de ha muito, pela notavel indole de Maria da Soledade, e pela sua incommensuravel presciencia de que não chegaria á idade de dezeses annos, foram-se acostumando com a idéa da morte da filha.

Maria da Soledade, sempre repetia á seus paes:

- Minh'alma adivinha que logo tenho de os deixar n'este mundo.
- Qual, Maria, diziam os paes, isto são creancices de espirito fraco...
- Não são creancices de espirito fraco, atalhava a virgem com pro-

funda convicção; é uma voz mysteriosa que brada-me no interior — que hei de os deixar em o menor espaço de tempo.

— Mas, porque, Maria? perguntavam os paes admirados da convicção de suas palavras.

— Não posso explicar a força d'essa voz desconhecida que me faz acreditar n'essas palavras fatidicas; mas o que lhes digo, é que este acontecimento ha de se realizar antes de eu ter completado dezeseis annos.

— Ah! Maria! não possuis bastante amor á teus paes, replicava a sua boa mãe com voz triste, por isso é que tendes essa vontade de os deixar tão cedo.

— Oh! não! dizia Maria da Soledade, soluçando, o meu amor é immenso; e a minha unica vontade era de não os deixar jámais!... Mas o destino assim o quer! Consolemo-nos, tendo antes a morte como uma apartação momentanea e não como separação eterna.

Este dialogo, pouco mais ou menos, era repetido sem cessar entre Maria da Soledade e os seus queridos paes.

Até que, finalmente, já olhavam a morte de sua adorada filha como acontecimento já previsto.

Assim, quando a morte roçou com a ponta de suas negras azas essa linda virgem, já os seus paes estavam de antemão resignados.

V.

Era proveniente a morte de Maria da Soledade, de ter passado dois dias e duas noites inteiras á cabeceira de uma pobre velhinha atacada de typho; e que convalescia, graças aos cuidados d'essa que agora era victima de sua caridade e bondade!

E ainda na vespera do seu passamento recommendou á seus paes a desvalida velhinha.

Assim como esse acto de caridade, outros semelhantes haviam se realizados.

Tão bella alma era para morar não na terra, mas sim em uma esphera mais elevada.

Assim pensavam os seus extremecidos paes; e tambem por já não encararem a morte senão como um somno em que se vai despertar, contente d'além-tumulo.

Bem dita crença!...

Os ponteiros marcavam meia noite, quando o prestito funebre de Maria da Soledade sahia da casa de seus paes.

Mais de cem virgens com os seus vestidos côr de neve, alinhavam-se adiante do caixão, levando os cyrios mortuarios que davam um clarão amarelento e tetrico.

No couce do caixão, iam dois violinistas e um harpista tocando com tanto sentimento, barcarollas de Rossini, Meyerbeer e Bellini, que, sem querer, fazia-me arrebatado para essas regiões ignotas em que rutilavam esses milhares de astros noctivagos!...

Fechava o prestito para cima de duzentos convidados empunhando tochas que coavam funerea luz.

Carregavam as argolas do caixão da bella virgem, do lado da cabeça os seus amourosos paes, e da parte dos pés a sua madrinha e padrinho de baptismo.

Lembranças de paes extremosos...

VI.

Quando esse solemne cortejo entrou na cidade dos mortos, o clarão amarelento d'essa immensidade de cyrios fez destacar os alvos tumulos, como si fossem centenares de phantasmas que viessem fazer honras ao novo habitante, que vinha em horas tão mortas pedir descanso da lazeira do mundo.

Os cyprestes e as camarinas susurravam tão dôce como se fossem cordas eolicas que vibrassem em contentamento do seu novo morador.

Os violinos e a harpa desferiam em surdina um melancolico *adagio em lá menor*, que mais exaltava a phantasia dando uns tons sobrenaturaes n'esse funereo quadro.

VII.

O caixão acha-se depositado na beira d'essa tetrica e terrivel sepultura; que é o médo de unse descanso de outros; e que não passa de uma especie de chrysalida em que a creatura tem de deixar a sua primeira phase para tomar uma segunda mais pura.

Agora podemos vêr e admirar essa virgem Maria da Soledade porque o caixão em que repousa acha-se destampado.

Ah! como parece uma santa collocada em seu nicho emmoldurado de fragrantas flôres!

Como as linhas de seu perfil são puras!

O seu lindo rosto oval parece que foi esculpido em o mais puro marmore por inspirado sculptor!

Fronte alta e polida; nariz de pura raça circassiana; bocca delicada e ainda semiaberta como se fosse desprender um celestial sorriso; palpebras franjadas de longos cilios cerravam bellos olhos que jámais se abriam para a terra!

E as mãeixas de seus pretos e annelados cabellos beijando com terna caricia suas niveas e delicadas faces, encaracollavam-se pelo collo abaixo como se fossem tiras de um longo véo de crepe que cobrisse o seu mimoso busto.

Tanta magia assim para ir sepultar-se em um tumulo!

Era para desesperar e estalar de dôr o coração que não tivesse crenças da futura vida.

Os paes de Maria da Soledade achavam-se resignados com a terrivel apartação, pela admiravel fé que os robustecia d'essa outra vida em que se vai reatar os élos arreventados da cadeia da vida.

VIII.

Na occasião em que o corpo da adoravel virgem ia desaparecer da terra, um joven de sympathica physionomia se approximou do caixão, e, com voz melancolica, recitou uma tocante e inspirada canção.

Oh! é impossivel descrever-se as sensações d'essa multidão, quando os violinos e a harpa acompanháram em surdina a poesia do joven poeta! Os corações arfavam oppressos por sentimentos tão doloridos!.... E as lagrimas corriam tão silenciosas por esses rostos tintos da luz funebre dos cyrios!.....

E a brisa passando pela ramagem dos cyprestes e camarinas, soltava tão tristes gemidos que iam eccoar além!.....

Tudo ahi era solemne!

IX.

Depois de um ultimo beijo de despedida orvalhado de lagrimas que os paes e os padrinhos deram na marmorea fronte da virgem, a lua com as suas tres partes roidas, acabava de apparecer no horizonte como querendo tambem concorrer para dar o osculo de despedida n'essa adoravel creatura, que ia desaparecer da face da terra.....

N'essa solemne occasião que o corpo de Maria da Soledade ia baixar ao tumulo, os violinos e a harpa começaram a tocar, sempre em surdina, esse magestoso *Miserere do Trovador*.....

X.

E ao clarão amarelento dos cyrios desaparecia para sempre da terra o corpo d'essa bella virgem!....

E os arcos ferindo as cordas dos violinos faziam-n'as gemer, com profundo sentimento, essa sublime musica de Verdi.

Era grandioso o quadro!

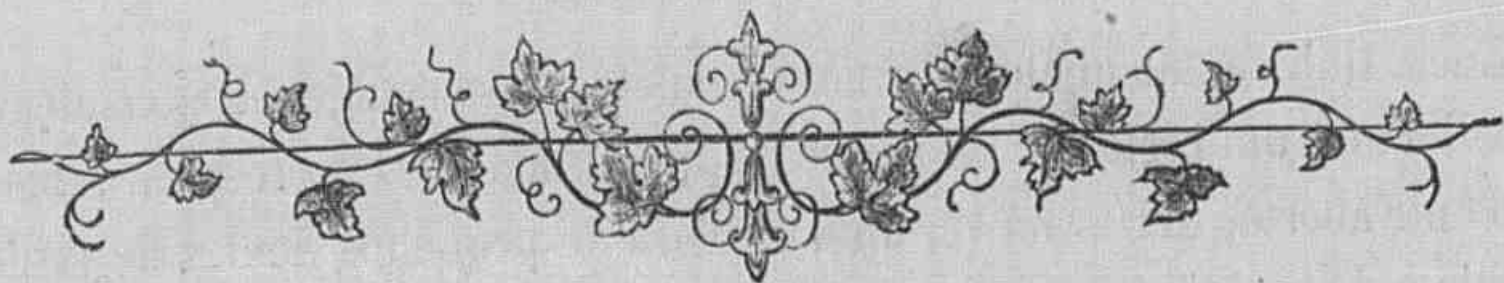
CONCLUSÃO.

Passados dez minutos sahiam os convidados ainda com os olhos orvalhados de lagrimas (sem excepção de um só!) da mansão dos finados.

E a lua com a sua terça parte carcomida, atravessava o espaço envolvida em seu manto estrellado; mandando os seus pallidos beijos á sepultura recém-fechada de Maria da Soledade!.....

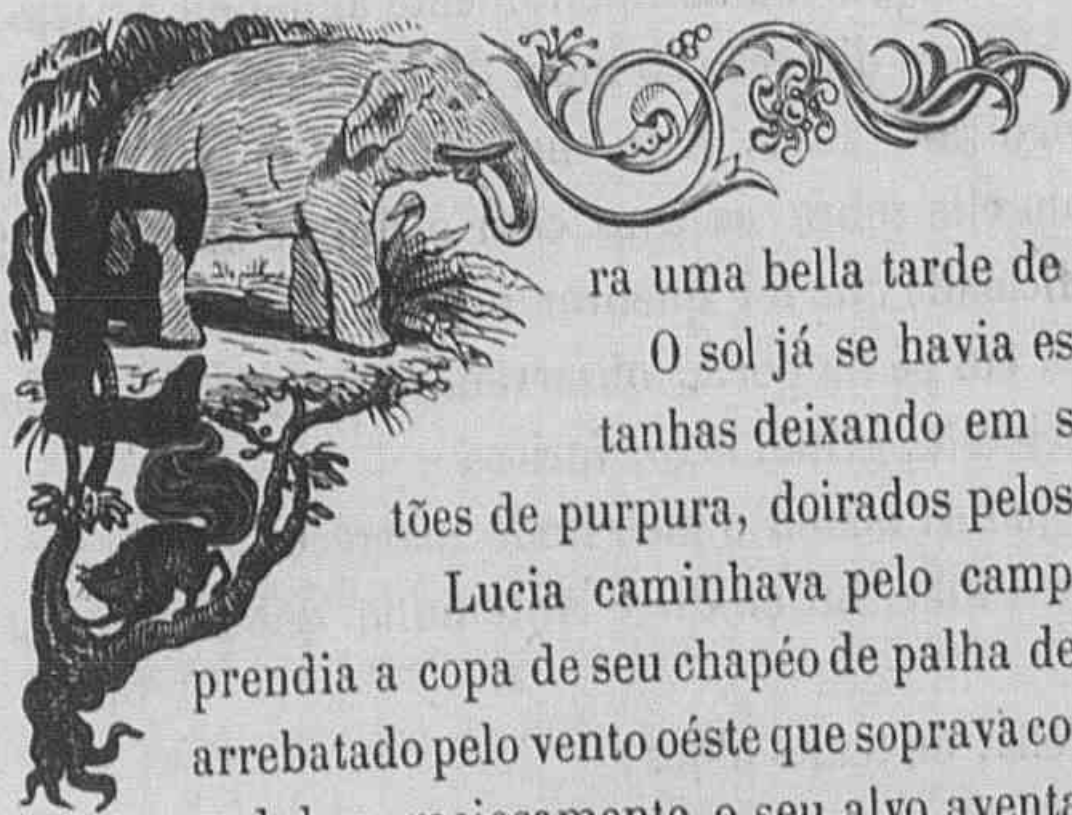
ERNESTO CASTRO.





LUCIA.

CONTINUAÇÃO.



ra uma bella tarde de Maio.

O sol já se havia escondido alem das montanhas deixando em seus pincaros lindos festões de purpura, doirados pelos seus ultimos raios.

Lucia caminhava pelo campo. Com uma das mãos prendia a copa de seu chapéo de palha de abas largas para não ser arrebatado pelo vento oéste que soprava com fortes rajadas, fazendo ondular graciosamente o seu alvo avental de linho.

A relva estava juncada de folhas seccas que se desprendiam das arvores; o ar estava puro, e a atmosphaera limpa annunciavam um dos primeiros dias de inverno.

O joven poeta admirando os encantos com que a natureza se apresentava n'esse pittoresco sitio, contemplaria Lucia como um anjo que de brancas azas tentava romper o espaço, e ficaria inspirado por essa palavra magica que se chama amor.

O prosaico ancião encanecido nos labores da vida, recordaria tambem esses venturosos dias em que lhe sorriam os prazeres da infancia..... tempos felizes que não voltam mais.....

Lucia tinha então quatorze annos completos. O seu singelo trajo realçava a belleza de um rosto côr de jambo, e uma linda bôca de rosados labios, que entr'abertos deixavam ver uma carreira de pequenos dentes de jaspe.

Ella e Antoninho caminhavam para o lado de um ribeiro de agua mui crystalina, que corria a muito pouca distancia da casa de seu pae.

A beira do rio começou a atirar algumas fructas silvestres n'um bando de marrequinhos que dentro d'agua nadavam alegremente.

— Vem d'ahi, Antoninho, dizia ella ao irmão; ajuda-me a recolher as aves para o cercado, são horas; o sol já vai entrando, e a mãe pode ralhar-nos.

— Espere, mana, estou cortando um galho de araçaeiro para enxotal-os.

— Olha, cerca d'aquelle lado..... assim.....

— Ah?... disse Antoninho, vocês não querem sahir d'agua, heim?... esperem um pouco.

E dizendo isto, arregaçou as calças até a altura dos joelhos, metteu-se no rio, e começou a bater n'agua com o galho.

Os patinhos e marrecos nadáram então ligeiramente agitando as azas, e subirão a barranca do rio, em direcção ao lugar do repouso.

Lucia e Antoninho seguiram atrás. Este encontrando no chão uma pequena pedra, atirou com ella sobre as aves com o fim de apressal-as; porem o fez com tal infelicidade que foi quebrar a perna de uma d'ellas.

D. Bernarda que estava em pé na porta, observando-os, quando vio o seu marreco de perna quebrada, gritou logo, furiosa:

— Maldita estouvada? judia! matou o meu lindo marréco!

— Não foi Lucia, minha mãe, fui eu disse Antoninho, que fizesse mal sem querer.

— Não encubras; foi ella, eu tenho olhos!

Espera grandecissima desavergonhada, que tu já me vas pagar!

E dizendo isto, avançou para o lado de Lucia com ar ameaçador.

A pobre menina para fugir a um castigo certo, correu para o lado da roça procurando a protecção do pae.

Antoninho que estimava Lucia, começou então a chorar, pedindo á mãe que não fizesse mal á sua irmã, porque ella estava innocente.

— Tu é que deitas a perder esta salvajôna, menino! Bem, por esta vez eu lhe perdôo; vai chamal-a antes que faça algum enredo ao pae.

Antoninho correu em seguimento de Lucia e alcançou-a.

— Venha cá, maninha, olhe; a mãe mandou dizer que não lhe faz mal. Não vá affligir o pae; elle incommoda-se muito quando sabe alguma

cousa a seu respeito. Vamos para a casa; creia que nada lhe acontece.

— Eu não ia queixar-me a meu pae, Antoninho; fugia, porque ninguém gosta de apanhar: ainda me dóe a pancada que levei hontem no braço!..... Sou muito infeliz... meu Deus! não sei que mal tenho feito para ser tratada com tanto rigor!... Procuro fazer todas as vontades á minha madrasta, obedeço-lhe mais como uma criada do que como filha, e mesmo assim soffro injustiças todos os dias. Tu és muito feliz, Antoninho, tua mãe te trata bem... se a minha fosse viva, eu não soffreria assim.

Dizendo isto, a pobre menina não pôde conter as lagrimas.

— Mana, disse o menino; não me faça chorar tambem... tenha paciencia... reze, peça a N. Senhora que faça com que a mãe não seja tão má para você. O pae já anda doente por seu respeito; não come quasi nada, e vive sempre muito triste...

Hontem elle me poz entre os joelhos e me disse: « Meu filho, você quer bem á sua irmã? » Eu disse que sim, e elle me abraçou chorando, e disse, não sei que, lá para o céu que eu não entendi. Coitadinho do pae, elle é tão bom...

— E pensa você... isso tambem é um martyrio para mim.

Assim conversando chegaram em casa, onde encontráram a velha encanando a perna do marreco, sacudindo a cabeça, e olhando rancorosa para Lucia.

* *
*

No dia seguinte, estando o tio Jeronymo na roça fazendo uma figura de panno para espantar as *tirivas* e *bactácas* que lhe davam cabo do arrozal, ouviu um tiro do lado do mato.

— Ei! disse o velho levantando a cabeça, cuidado, que aqui ha gente! Momentos depois appareceu-lhe um mancebo de vinte e cinco annos de idade vestido de luto.

Trajava calça, e collete de merinó preto abotoado até o pescôço.

Vinha munido de uma espingarda e todos os accessorios de caça. N'um cinto de couro envernizado, trazia pendente alguns pavões, tucânos, arapongas e outros passaros, fructos da sua caçada.

Assim que o tio Jeronymo o avistou, conheceu-o logo.

— Oh! senhor Eduardo, que surpresa agradável!

— Não julguei, tio Jeronymo, que viesse hoje fazer-lhe esta visita. Perdi o tino no bosque em seguimento a um lindo pavão, e depois de

muitas voltas vim sahir aqui ! Creia sinceramente que ignorava o sitio em que me achava.

Suppunha que estivesse mais perto , porem vejo que estou á legua e meia da cidade.

— E se não fora isso não teria o prazer de vel-o por esta sua casa. Já era tempo... a sua ausencia tem sido notada.

Ainda hontem fallamos á seu respeito.

— Que quer , meu amigo , a culpa tem sido alheia á minha vontade.

— Tinha feito alguma viagem ?

— Não, o motivo foi outro, disse Eduardo tristemente.

— Oh! agora é que estou reparando; o Senhor está de luto...

— É verdade, morreu o meu bom pae...

— Pois morreu o senhor Silva?!

— Victima da febre amarella.

— Sinto, meu amigo, sinto porque elle era um excellente homem. Eu devia-lhe muitas attenções.

— Não fallemos mais n'isso; diga-me como vai a familia ?

— Todos vão ainda bem ; só eu é que tenha soffrido alguns incommodos ultimamente...

— É verdade, acha-lhe mais magro e pallido. De que soffre, tio Jeronymo?

— Não sei, senhor Eduardo.... eu mesmo não sei dizer o que soffro.... é a *magra* que já me está acenando.... Eduardo que tinha alguma intimidade na casa do tio Jeronymo, sabendo o que n'ella se passava, disse-lhe em tom amigavel :

— Permitta-me a franqueza, o Senhor tem soffrido moralmente....

— Um.... qual.... isto quando se é velho não faltam incommodos....

Vamos para casa, a fadiga da caçada, deve desafiar uua chicara de café antes de comer alguma cousa.

— Aceito, tio Jeronymo, aceito, porque em sua casa não uso de ceremonias, e estou realmente com bons desejos. E assim conversando, de mãos dadas ião-se aproximando da caza.

Como já devem suppôr, Eduardo não era ali desconhecido; costumava frequentar o sitio do tio Jeronymo, tendo interrompido as suas visitas em consequencia da morte do pae, mas nem por isso deixava de nutrir sinceras sympathias pela menina Lucia. D'esta vez, porem, achou-a ainda mais bella de forma que não póde occultar a inclinação que tinha por ella.

Lucia ainda innocente, nunca desconfiou que as repetidas caçadas de Eduardo eram apenas um pretexto para vel-a.

Depois do jantar, tio Jeronymo convidou-o a dar um passeio pelo pequeno jardim, e para lá se encaminharam.

— Já vio d'esta trepadeira, senhor Eduardo? a flor é mui linda e exhala um perfume delicioso. Foi a menina que a plantou; tambem se não fora ella e o Antoninho, isto aqui estava cheio de mato, porque eu e a velha já não somos para estas cousas.

— Creia, tio Jeronymo, que estou achando isto tudo muito poetico.

Estes jasmins d'Italia interlaçados com estas flores roxas dão-lhe muita graça.

Não ha vida como a do campo; quem habita estes sitios, está no paraizo.

— É porque o senhor Eduardo está vendo isto com muito bons olhos.

— Ha de permittir que me assente n'este banco; quero apreciar a bella fresca que se goza n'este caramanchão.

— Como-lhe approuver; o senhor comnosco, não deve fazer a menor cerimonia.

— Devo essa bondade, tio Jeronymo, na sua casa, o Senhor e D. Bernarda me tratam como verdadeiro amigo.

D. Bernarda, Lucia e Antoninho sentáram-se egualmente em um outro banco que ficava em frente e ahi proseguiram na conversação.

Eram já cinco horas da tarde; Eduardo ha muito tempo queria retirar-se, mas achava-se preso por um poder occulto — a presença de Lucia era o iman que o attrahia.

Fez um esforço e levantou-se para despedir-se.

— Não, Senhor, disse o velho, nós não consentimos que o Senhor vá anoitecer ahi pelo caminho. Amanhã ainda é dia santo, e pode passar algum tempo comnosco.

— E a sua cama já está preparada, disse D. Bernarda.

Lucia e Antoninho já depennáram os passaros, de forma que teremos um prato para cêa.

— Nada de incomodos... eu ainda posso chegar com dia á cidade.

— É o que lhe parece, não Senhor, ha de ficar hoje aqui, salva se lhe contrariamos, ou tem algum negocio urgente que não deixou prevenido.

— Por esse lado não, a chave do meu negocio traga-a comigo, e não tenho, felizmente, hoje a quem dar contas.

— N'esse caso, minha mulher, vá dar providencias sobre os passari-nhos, e mande-nos trazer café.

— Tanto incommodo.....

— Para o Senhor, nós, disse a velha contrariada, temos com isso muito prazer....

— Ha de passar uma noite mal, porem tenha paciencia, acrescentou o tio Jeronymo.

D. Bernarda que havia já observado a inclinação de Eduardo por Lucia, quiz humilhal-a, chamando-a para ajudal-a a tratar da cêa.

Isto não passou desapercibido de Eduardo.

*
* *

Durante a cêa Eduardo que havia dirigido á Lucia algumas palavras affectuosas, ficou satisfeito pelos bons modos e acerto com que ella respondia, formando d'ahi um juizo ainda mais favoravel á seu respeito. Por tudo quanto observou conheceu que a menina vivia contrariada por causa da madrasta que tinha sobre ella uma severa influencia.

As dez horas, Eduardo não querendo tornar-se importuno aos donos da casa, retirou-se para o quarto que lhe estava destinado.

N'essa noite, apesar da fadiga da caçada, não pôde facilmente conciliar o somno.

Abrio uma janella que dava vista para o jardim, accendeu um charuto, e ahi contemplou silencioso a belleza de um céu sereno recamado de estrellas.

Ouvindo o surdo murmurio do ribeiro, respirando uma atmosphera embalsamada pela fragrancia das rosas e violêtas parecia-lhe tudo isso um sonho, do qual não desejava acordar.

A imagem de Lucia não o abandonava; parecia vel-a por entre a sombra dos arbustos colhendo flôres em seu alvo avental.

Como achava poetica essa noite! Quanta belleza e encantos não encontrava elle n'essa solidão da natureza!

Embebido assim em meditações amorosas, recitou estes versos :

Ha pouco tempo era livre
Não conhecia a paixão;
Hoje d'ella sou captivo,
Tenho preso o coração....

O campo, o campo é tão bello!
E encerra poesia
Qu'extasia
Em sublimes emoções;

No campo a lyra de amores
 Expande por entre as flores
 Sacro santas vibrações!

Feliz d'aquelle que sabe
 Gozar do campo os primores,
 Respirando um ar tão puro
 Embalsamado de olores.....

Eduardo ficou silencioso por algum tempo, e soltou um suspiro.

Amava!.....

E se a linguagem dos olhos pode exprimir os sentimentos do coração, elle já devia comprehender que o seu amor era correspondido.

Adormeceu n'uma região celeste, e acordou de um sonho encantador que julgava ser eterno.

No dia seguinte, antes de retirar-se, chamou particularmente o tio Jeronymo, e lhe disse :

— Sabe, meu amigo, com a morte de meu pae fiquei só no mundo e herdeiro de alguns bens. Não sou rico, é verdade, porem o que possúo me colloca ao abrigo da miseria.

O meu pequeno negocio está bem encarreirado, e se for feliz, posso esperar um futuro mais lisongeiro.

— Deus o ajude, senhor Eduardo, o Senhor é digno do que a sorte o favoreça.

— Pretendo deixar a vida de solteiro, trabalhar, fazer economias para ter na velhice um amparo.

Que diz tio Jeronymo, faço bem n'isso?

— Quem pensa tão maduramente como o Senhor Eduardo, não está no caso de pedir conselhos: dá-os.

— Os velhos sempre pensam melhor que os rapazes, por isso, quero que o meu amigo me falle francamente.

— Senhor Eduardo, o Senhor tem direito a que lhe falle como um pae; escuta-me, pois : O casamento, assim como pode ser a felicidade do homem, muitas vezes pode vir a ser tambem a sua desgraça.

Depende da sorte; e como nós não podemos prescrutar o futuro, só Deus é que sabe o que d'elle pode resultar.

Uma boa mulher é o pharol que guia o homem entre os escolhos da vida para conduzil-o ao porto de felicidade; porem, uma mulher má, que não se compenetra que é a companheira fiel do homem em seus risos e lagrimas; que não o ajuda a partilhar resignado as peripecias d'esta

vida, é então um demonio que transforma o paraizo domestico n'um inferno de amarguras.

Oh!.. senhor Eduardo, o casamento é negocio muito melindroso!... Deus que lhe depare com uma esposa digna de seu bom coração.

— Obrigado, tio Jeronymo; eu já havia pensado isso mesmo.

Não quero mulher que por sua belleza seja invejada nos salões da sociedade; desejo antes uma companheira que me agrade pelos dotes do coração.

— Estimo muito que a encontre, meu amigo, e que seja assim muito feliz.

— Já fiz a minha escolha, tio Jeronymo, porem não sei se será isso do agrado d'ella ou de seu pae.

É por isso que eu venho pedir-lhe um favor.

— Disponha de mim para o que puder lhe ser util.

— É a mão de sua filha.

O bom aldeão ficou tão sorprendido que não podia acreditar se aquillo era um sonho ou realidade.

Fitou os olhos em Eduardo e respondeu titubiando :

— Que..... senhor Eduardo, pois será possivel que me caiba tanta felicidade?!

— A felicidade é minha, tio Jeronymo, se tiver o seu consentimento.

— Espere, senhor Eduardo, em quanto a mulher está entretida lá no quintal eu chamo a menina. N'esse negocio ella deve ser ouvida.

Lucia, que atravessava o pateo n'essa occasião, acudio ao chamado do pae.

— Aqui estou, meu pae.

— Menina, disse o velho meio atrapalhado, trata-se aqui de um assumpto em que é preciso que sejas consultada.

— Eu?

— Sim. Deixemo-nos de mais rodeios, o senhor Eduardo disse... que.... elle que te explique lá isso.

— Lucia, eu pedi-te em casamento a teu pae.

Ella que não esperava esta surpresa, não pôde responder; apenas abaixou os olhos com acanhamento.

— Vamos, disse o tio Jeronymo, não te ponhas ali feito uma toleirona...

— Eu.....

— Sim, Lucia; fiz mal, talvez sem lhe ter consultado.

— Não, senhor Eduardo, fez bem, porque se é do gosto de meu pae, eu só tenho a seguir os impulsos do meu coração.

— Graças, meu Deus, disse o velho commovido, ouvistes as minhas supplicas!

Agora já posso morrer socegado.

*
* *

Um anno depois, Lucia estava casada.

Amavam-se reciprocamente, e Eduardo dava graças a Deus : viviam contentes e felizes porque a discordia nunca veio perturbar a sua felicidade domestica.

D. Bernarda, até o dia do casamento de Lucia, não deixou de tratá-la com máos modos, inventando embustes malevolos que muito affligiam ao tio Jeronymo.

A pretexto de molestia não assistio ao casamento, e depois d'isso, na falta da filha era o pae que soffria as consequencias de suas perversidades.

O tio Jeronymo era um martyr digno de compaixão.

O soffrimento moral não só atrophia o corpo como ainda concorre poderosamente para aggravar os incommodos physicos, por isso que, doente como se achava o tio Jeronymo, e ainda mais n'uma idade tão avançada, veio a cahir na cama.

Lucia apesar de ser sempre mal recebida em casa de D. Bernarda, vinha algumas vezes visitar o pae durante a sua enfermidade.

Um dia achando que o seu estado de saude era muito grave, passou ahi a noite.

Amanheceu junto da cama do velho, em cujo quarto reinava um silencio sepulchral.

O enfermo, já moribundo, depois de tornar a si de uma lethargia, deu a mão á filha para beijar, talvez como a ultima benção paternal, e acrescentou, com voz já muito fraca :

— Foge-me a vista, minha filha..... sinto a mão gelada da morte sobre o coração.....

É chegada a minha ultima hora..... sê feliz..... estima o teu marido, e perdôa as offensas que tens recebido.....

— Meu pae; tenha fé que ha de sarar.....

— É tarde... vou fazer..... companhia á tua mae.... Deus que te abenço.... e...

Não pôde concluir.

Um gemido angustioso echoou no quarto e Lucia cahio desmaiada sobre o cadaver do pae.

Tio Jeronymo estava na eternidade!

Morreu como bom christão, com a consciencia tranquilla de haver sempre praticado o bem, vendo realisados os seus ultimos desejos.

Eduardo e D. Bernarda que se achavam tambem no quarto mortuario, não poderam conter as lagrimas.

Outra mulher a não ser D. Bernarda teria n'esse momento doloroso, impellida pela lei da natureza, abraçado á Lucia e com ella misturado as suas lagrimas. Porem ella assim não procedeu : lamentou sosinha n'um canto a perda que acabava de soffrer.

Muitas vezes o desgosto e o infortunio nos fazem commetter desatinos, não sei se por isso, D. Bernarda como despeito de seus soffrimentos, disse á Lucia :

— Agora, deve saber que a sua presença n'esta casa é de mais.. .. Lucia acabrunhada pela dor, apenas respondeu :

— Sim... deixe, ao menos, sahir o cadaver de meu pae.....

N'essa mesma noite depois do enterro, Lucia deixou a casa de D. Bernarda.

Antes de retirar-se offereceu-lhe seus prestimos, e pediu-lhe que não a privasse da satisfação de ver Antoninho algumas vezes.

— Agradeço-lhe, senhora D. Lucia, respondeu a soberba mulher; não hei de precisar das suas sôpas.... Antoninho tambem não tem que fazer em sua casa.

— Vamos, disse Eduardo, esta casa depois que ficou transformada no antro de uma féra, já me causa horror!

— Adeos, Antoninho, acrescentou Lucia abraçando o irmão.

O pobre menino com os olhos arrazados de lagrimas, disse tristemente :

— Até quando, mana?...

Lucia já não pôde responder, porque os soluços lhe embargáram a voz. Voltou-se apenas lançando o ultimo olhar de despedida para o seu companheiro de infancia..... e partio.

*
* *

Passáram dois annos depois d'este acontecimento.

D. Bernarda residia ainda no mesmo sitio. Vivia malquista com quasi todos os vizinhos, dos quaes não gozava a menor sympathia.

Tratou logo de querer assenhorear-se de terrenos que lhe não pertenciam, usurpando aos pobres lavradores o fructo do seu trabalho, sendo por isso considerada como um flagello no bairro.

Tio Jeronymo era quem continha aquella mulher na carreira de suas perversidades.

Já não podiam os vizinhos viver em paz; as demandas appareciam todos os dias, e aquelles que não tinham com que pagar as custas, para se livra-rem de chicanas e incommodos, sujeitavam-se ás condições vexatorias que ella impunha-lhes.

Outros, porem, que dispunham de alguns recursos não querendo ser esbulhados de seus direitos, preferiam ser demandados.

D. Bernarda sentia-se satisfeita cada vez que tinha com quem litigar. Fallava em accordãos, embargos e suspeições de uma forma que fazia inveja aos proprios advogados. Pode-se dizer que D. Bernarda era um rabula temivel!

Apresentava-se em audiencias e questionava nas tricas do fóro com tal desembaraço que quasi sempre atrapalhava aos juizes leigos.

Esta mania pela rabulice veio a ser-lhe fatal.

(Continuar-se-ha.)

LEOCADIO PEREIRA DA COSTA.





POESIA.

ESTANCIAS.

(Traducção em versos de uma poesia franceza.)

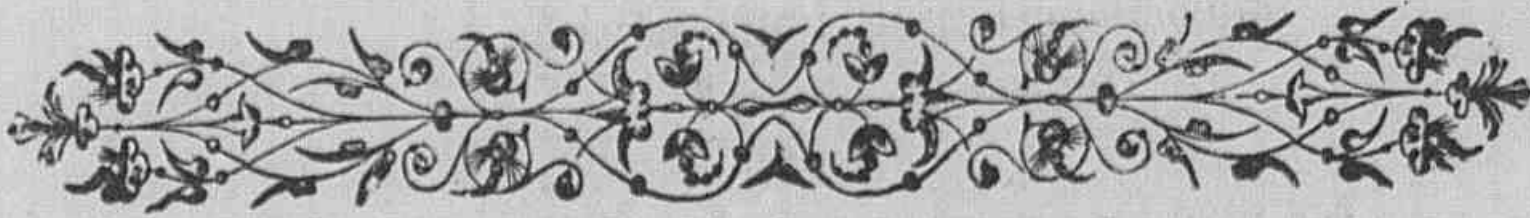
Viagem desde o berço começada
É nossa vida — um sabio dil-o assim,
Qualquer que seja a causa da jornada,
Vae no tumulto ter fim.

Desque nasce entra o homem na carreira,
E teme desde logo a proseguir,
Abater-se ante si vio a barreira
Que lhe venda o porvir...

E portanto caminha, moço ainda,
Que lhe importa a que fim deva tocar?
Sem nuvens puro o céu, e a terra linda,
Que lhe importa chegar?

O tempo tem marchado : inercia tanta
O imprudente viajor caro pagou ;
Com pezar vê que a idade se adianta,
Vê que o céu se obumbrou !

Chega a velhice ; e a tempestade encara
Que o ameaça, em redor a lhe estrondar,



POÉSIE.

STANCES.

Un sage nous l'a dit : la vie est un voyage,
Qu'entreprend tout mortel au sortir du berceau,
Et quel que soit l'objet de son pèlerinage,
Il finit au tombeau.

L'homme aussitôt qu'il naît entre dans la carrière,
Et dès le premier pas craint de la parcourir,
Il a vu devant lui s'abaisser la barrière
Qui voile l'avenir...

Il chemine pourtant et dans la fleur de l'âge
Il s'embarrasse peu du but qu'il doit trouver,
La terre s'embellit : le ciel est sans nuage...
Que lui fait d'arriver ?

Mais le temps a marché : de son insouciance
L'imprudent voyageur hélas ! est trop puni,
Il voit avec regret que pour lui l'âge avance,
Le ciel s'est rembruni !

Atteint par la vieillesse et voyant la tempête
Qui déjà le menace et gronde autour de lui,

Inquieto e delirante, immovel pára,
Onde apóio buscar?

Então lhe estende a mão hospitaleira
Terna amizade : a sorte elle bem diz,
De mais facil vencer certo a carreira
Caminha mais feliz.

Sem pavor vendo o termo da viagem,
De esperar bellos dias se entretém ;
Fugiram breve, a morte na passagem
O curso lhes retém.

Sua alma livre das prisões terrenas,
Tranquilla e radiante sobe aos ceus,
Vae o olvido buscar ás suas penas
No regaço de Deus.

Paris.

D^r. P. DE CALASANS.



Inquiet et rêveur, immobile il s'arrête...
Où chercher un appui?

De la tendre amitié la main hospitalière
Vient le lui présenter : il bénit le destin,
Et plus sûr de finir doucement la carrière
Il reprend son chemin.

Regardant sans effroi le terme du voyage,
Il se plaît à compter encor quelques beaux jours,
Mais bientôt ils ont fui, la mort sur son passage
En arrête le cours.

Son esprit libre alors, dégagé de ses chaînes,
Tranquille et radieux remontant vers le ciel
Y va chercher l'oubli des tourments et des peines
Au sein de l'Éternel.

Rio-de-Janeiro.

C. HYGIN-FURCY.





MOSAICO.

ANECDOTAS.

Quando se procedia ao exame de artilheria em Metz vio-se entrar na sala um joven e debil camponez coberto de poeira, calçando sapatos grossos e armado d'um bordão.

Passou desapercibida sua entrada, mas causou sensação o vel-o aproximar-se do examinador.

— Meu amigo, disse este, creio que errastes a porta, o que desejais?

— Desejo ser examinado, respondeu timidamente o camponez.

Uma geral e estrondosa risada acolheu essas palavras.

— Quereis entrar para a artilheria? sabeis qual é o programma e as materias n'elle indicadas?

— Sim, senhor, e estou preparado para ellas.

— N'esse caso, tornou-lhe o examinador, ide sentar-vos e esperai que toque a vossa vez de ser chamado.

O rustico foi sentar-se n'um canto e atravez dos motejos de que era victima soube conservar a necessaria calma para escutar as perguntas e as respostas que se faziam a pouca distancia d'elle. O que ouviu tranquillizou-o sem duvida, porque apresentou-se cheio de confiança quando foi chamado. Seu exame começou : não o interrogando ao principio senão sobre a arithmetica.

A clareza de suas respostas maravilhou o examinador, que foi apurando cada vez mais suas perguntas, ás quaes elle respondeu sempre admiravelmente.

Ao redor d'esse candidato singular fez-se um grande silencio.

— Mas onde estudastes vós? perguntou-lhe o examinador.

— Comigo mesmo, senhor.

Recomeçaram o interrompido exame e então foi perguntado sobre todas as partes do programma. A modestia de seu traje, a segurança de sua linguagem, e a precisão de seus conhecimentos excitaram pouco a pouco a admiração entre os circumstantes.

Duas horas durou o tiroteio das perguntas e respostas, findas quaes, o examinador abraçou com effusão o examinando.

— Estais na artilheria, disse elle, e felicito-vos por vosso saber.

Os jovens que assistiram a essa scena precipitaram-se para o camponez, ergueram-no em seus braços e levaram-no em triumpho pelas ruas de Metz.

Eis o primeiro successo do futuro general Drouot, esse bravo loreno cujo merito foi tão modesto e puro. Consignou-o em seus escriptos, e nunca o esqueceu em sua vida, achando-se mais orgulhoso da emulação que excitára que de seu saber e posição.

Um sujeito morreu victima de sua predilecção pelo charlatanismo.

Dulong tinha promettido cural-o por meio da celha magnetica.

Apezar de vossa promessa, disse-lhe um conhecido, vosso doente morreu.

— E o que prova isso? perguntou-lhe o medico, morreu é verdade mas morreu curado.

Margarida de V..., tão velha quanto rica, desposou-se em segundas nupcias com um marquez arruinado e muito joven, o qual não poupava epigrammas á sua consorte na ausencia.

A infeliz Margarida cedo conheceu o erro que havia commettido casando com um homem, que em relação á sua idade poderia ser seu bisnêto, e não se illudia sobre o desejo que elle tinha de vel-a desaparecer da superficie da terra, visto que só por sua morte entraria no gozo d'essa immensa fortuna que ella lhe legava em seu testamento.

N'um dia de reunião, em sua casa, sentindo-se indisposta depois do jantar disse alto, para que todos a ouvissem: Estou envenenada!

— Envenenada?! perguntou-lhe o marido, e a quem attribuis esse crime?

— A vós, respondeu ella.

— Meus senhores, exclamou o marquez, nada é mais falso do que essa supposição : abram-na immediatamente, e verão que é uma calumnia!

Florian poucos dias depois da publicação do seu *Numa Pompilius* perguntou a uma senhora se já o havia lido.

— Já, respondeu ella.

— E como o achastes?

— Como todos os livros d'esse genero; e desde a primeira pagina pre-
vi o desfecho.

— Que desfecho? perguntou o autor admirado.

— O casamento dos amantes.

— Que amantes?

— Oh! essa é boa, tornou a senhora, é Pompilius que acaba por casar com Numa.

PAULINA PHILADELPHIA.





MODAS.

DESCRIÇÃO DO FIGURINO DE MODAS.

Primeiro vestuario. — Trajo de lã de fantasia para menina. Saia com pregas de *faille* lisa cor cinzenta. Tunica com pintas cor de rosa sobre um fundo cinzento enfeitada com um *plissé* de *faille* tambem cinzenta. Cordão entrançado cahindo sobre o *plissé*. A tunica decotada deixa ver uma camisinha de *faille* cinzenta. Chapéo de palha de abas largas levando um pequeno ramalhetes de cerejas e uma manta de veludo encarnado.

Segundo vestuario. — Toilette para visitas (estilo dito bretão). Saia de *faille* azul com um fólho franzido e um *plissé*. Tunica de *faille* azul enfeitada com um galão azul e amarello. *Confection* de *faille* azul igualmente com galões. Chapéo de palha de Italia ornado de uma pluma amarella e uma manta de garça amarella a roda do chapéo atando-se debaixo do pescoço.

Terceiro vestuario. — Trajo de lã de fantasia para o campo. Este traço é de uma peça só, isso é que a saia e a polaca são juntas. A saia leva um fólho com dentes quadrados e um *plissé*. A tunica tem um franjado azul; a aba atraz muito comprida e franzida no seu comprimento. O corpinho tem feitio de casaca atraz; as duas abas são arregaçadas e forradas de seda azul e formando reversos; muitas fitas de *faille* azul sobre os ditos reversos. Chapéo de garça amarella de copa molle, ornado com boninas brancas e laços azueis.

TRABALHOS.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE BORDADOS E TRABALHOS.

Nº 1. — *Tapete para frasco.* O nosso modelo era de panno havane com applicação de fazenda de ouro e o galãosinho com perolas de *mignardise* de prata.

Nº 2. — *Metade d'um mocho para piano ou banquinho de pé.*

A obra toda se faz de applicação de duas fazendas irmanadas com as côres do quarto. Pode-se bordar as iniciaes no meio ou o desenho nº 1 ou deixar o interior livre.

Nº 3. — *Metade d'um guarda-luz bordado.* Para executal-o pode-se empregar a estampa mesma collocando ella no avesso da fazenda depois de a ter copiado para servir para a outra metade do guarda-luz. O nosso modelo era de crepe côr de rosa; o bordado em ponto de festão muito frouxo de retroz preto. Nas nervuras que separam os florões havia um fio de metal escondido debaixo do ponto festão que sustenta o guarda-luz. Esta obra é de muito bom gosto.

Nº 4. — *Metade d'um desenho para camisa.* Plumetis, ponto de cordonnet e ponto de armas. Repetir-se-ha o mesmo desenho nas costas e na manga. (Ver o debuxo nº 5.)

Nº 5. — *Debuxo da camisa depois de acabada.*

Nº 6. — *Desenho para chinellas.* A obra toda se faz em ponto de chainette sobre panno ou veludo de côres sobresahindo sobre o fundo.

Nº 7. — *Lambreuim para mesa ou chaminé.* Elle pode ser de qualquer fazenda irmanada com as côres do quarto. O debuxo do centro ao *passé*; o resto em ponto de chainette; os circulos pequenos são de perolas.

Nº 8. — *Esmoleira* de applicação de veludo sobre setim. A obra toda é feita em ponto de festão : depois de acabado, recorta-se o veludo nas partes em pontos do desenho.

Pode-se tambem fazer este trabalho de cassa e forral-o com um transparente de setim de côr viva.

Nº 9. — *Lambreuim para bibliotheca.* Tudo é feito em ponto de chainette sobre panno ou cachemira de matizes irmanados com as côres do quarto; os circulos pequenos de perolas de ouro ou de côr.

Nº 10. — *Frente da camisa.* Bordado inglez e plumetis.

Nº 11. — *Chinellas para homem.* O nosso modelo era de panno verde escuro, bordado com lâ fina em ponto de chainette. O desenho do centro era ao *passé*, de côres sobresahindo sobre o fundo.

Nº 12. — *Cercadura para vestido de criança, roupa fina, etc.* Bordado inglez, rodinhas e festão.

Nº 13 até 22. — *Nomes e iniciaes ornados.*

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE MOLDES.

VERSO DA PRECEDENTE ESTAMPA DE BORDADOS.

Molde d'um paletó.

Nº 1. — *Frente.*

Nº 2. — *Costas.*

Nº 3. — *Pequeno lado que vae até o hombro.* As lettras indicam como é preciso ajuntar as peças.

Nº 4. — *Manga que se corta de dois pedaços:* a parte inferior está indicada. A costura exterior da manga está marcada com a lettra P; essa manga fica meia aberta.

Este paletó, que será muito em moda este anno, pode ser feito com qual-

quer fazenda; até da fazenda da saia. O nosso modelo era de *faille* preta guarnecido na parte inferior e em roda do pescoço com um *plissé* de renda tendo por cima um entremeio com festão. A manga redondada é ornada com duas fileiras de renda mais estreita e um entremeio com festão. Dois laços de fita preta atravessados pelo mesmo entremeio formam a algibeira.

Nº 5. — *Desenho do paletó* depois de acabado.

Nº 6. — B. A. P. enlaçados.

Nº 7. — G. B. enlaçados.

Nº 8. — M. B. enlaçados.

Nº 9. — *Iniciaes* de São Estevão para serem bordadas com serzido de filet para frente de altar.

Nºs 10, 11, 12 e 13. — *Iniciaes* pedidas por algumas assignantes.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA GRANDE DE TRABALHOS DIVERSOS.

RECTO.

Nº 1. — *Parte d'um cobertor* para berço (desenho reduzido). Fundo de seda branca acolchoado ou bordado; orla de filó bordado e *guipure*.

Nºs 2 e 3. — *Bordado de retroz* sobre couro estampado para porta-moeda, carteira, charuteira, etc. Os nossos modelos eram para o nº 2 de couro azul bordado com retroz amarello; as flores de côres naturaes; as iniciaes, enlaçadas no centro; para o nº 3 couro roxo; as flôres de côres naturaes, as orlas de fios de ouro.

Damos n'esta parte da estampa um specimen de lindos trabalhos de madeira recortados e serrados.

O gosto d'esta arte tão util como agradavel espalha-se de mais a mais e as nossas assignantes hão de achar, em qualquer loja as ferramentas necessarias para executar estes trabalhos. Os seis desenhos d'esta estampa são reduzidos.

Nº 4. — *Porta-photographias* de dois pedaços eguaes serrados juntos e no mesmo instante.

Nº 5. — *Prateleira*.

Nº 6. — *Guarda-joias*.

Nº 7. — *Moldura* para um quadro pequeno ou uma photographia.

Nº 8. — *Pé e moldura* d'um pequeno espelho.

Nº 9. — *Ornato para encobrir um pote com flores*.

VERSO.

Nº I. — *Desenho para tapete* de applicação de lã acolchoada sobre panno. O fundo preto representa o panno que no nosso modelo era verde; os pedaços bem trabalhados são de lã acolchoada qualquer que seja o desenho, e d'uma côr sobressahindo sobre o fundo; o resto de bordado de lã côr de rosa, ou de côres variadas; o ramalhete de flores de côres naturaes.

Nº II. — *Cambraia* para frente de camisa, jaqueta para criança, etc. Os fofos são sustentados por tres fileiras de cordãozinho fino como o indica o desenho.

Nº III. — *Outra frente de camisa.* A parte mais escura é lisa e bordada de branco com pontinhos. A parte mais clara é composta de tres preguinhas.

Nº IV e V. — *Modelos* de tamanho natural de madeira e recortados. Com 8 pedaços como o nº V fixados com preguinhos de aço sobre os oito lados do nº IV, forma-se um bonito cestinho. Laços de fita seguram os oito pedaços na parte superior do cestinho.

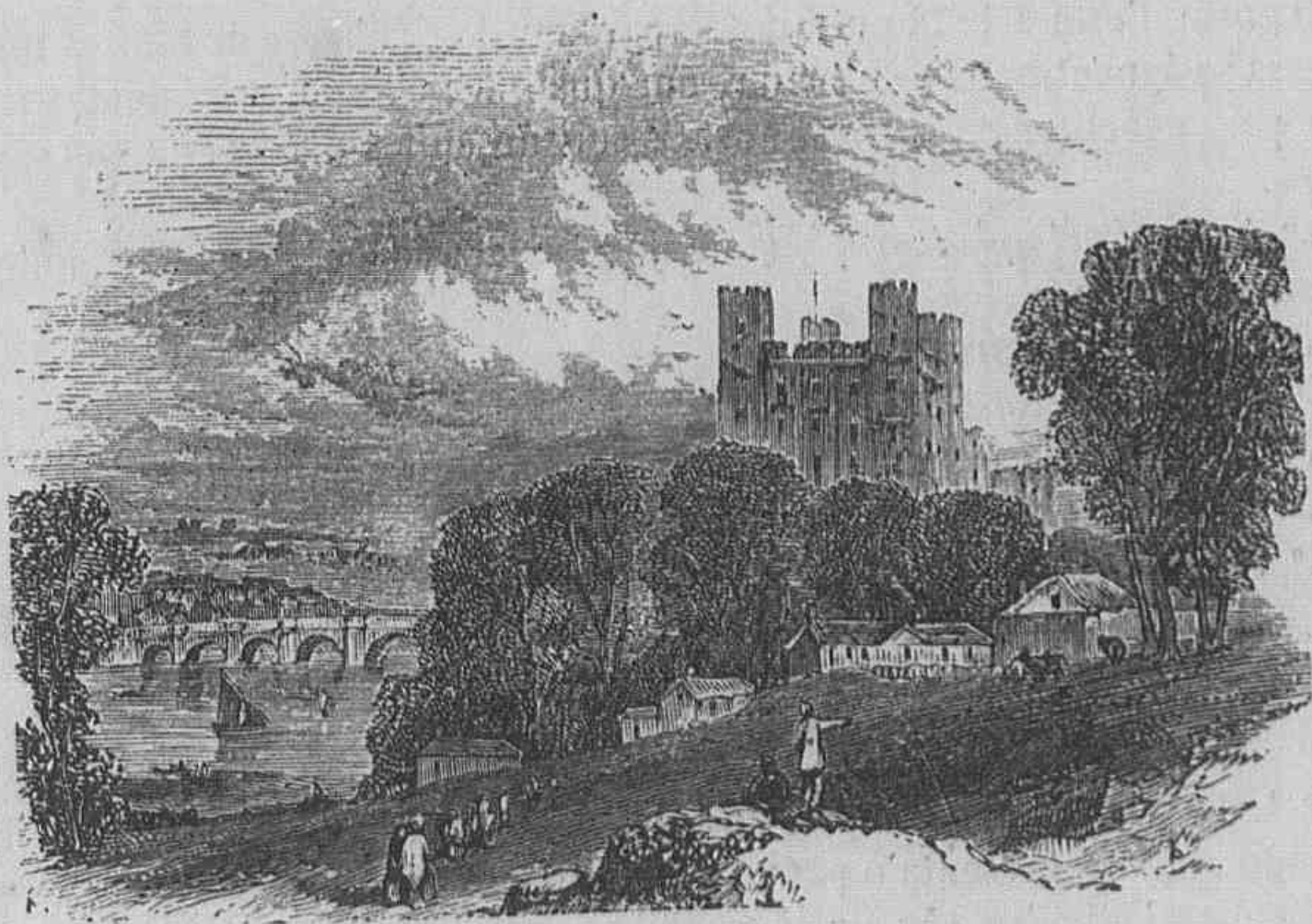
N. B. Daremos com a continuação em nossas estampas alguns outros modelos de tamanho natural. Esses modelos se engrudam sobre taboasinhas de madeira que se recortam com uma serra muito fina e cortante. Quando é preciso trabalhar no interior da taboasinha faz-se um buraco com a verruma, introduz-se a serra, e trabalha-se da maneira acima indicada.

Nº VI. — *Bordado de ouro e de retroz* sobre setim para porta-moeda.

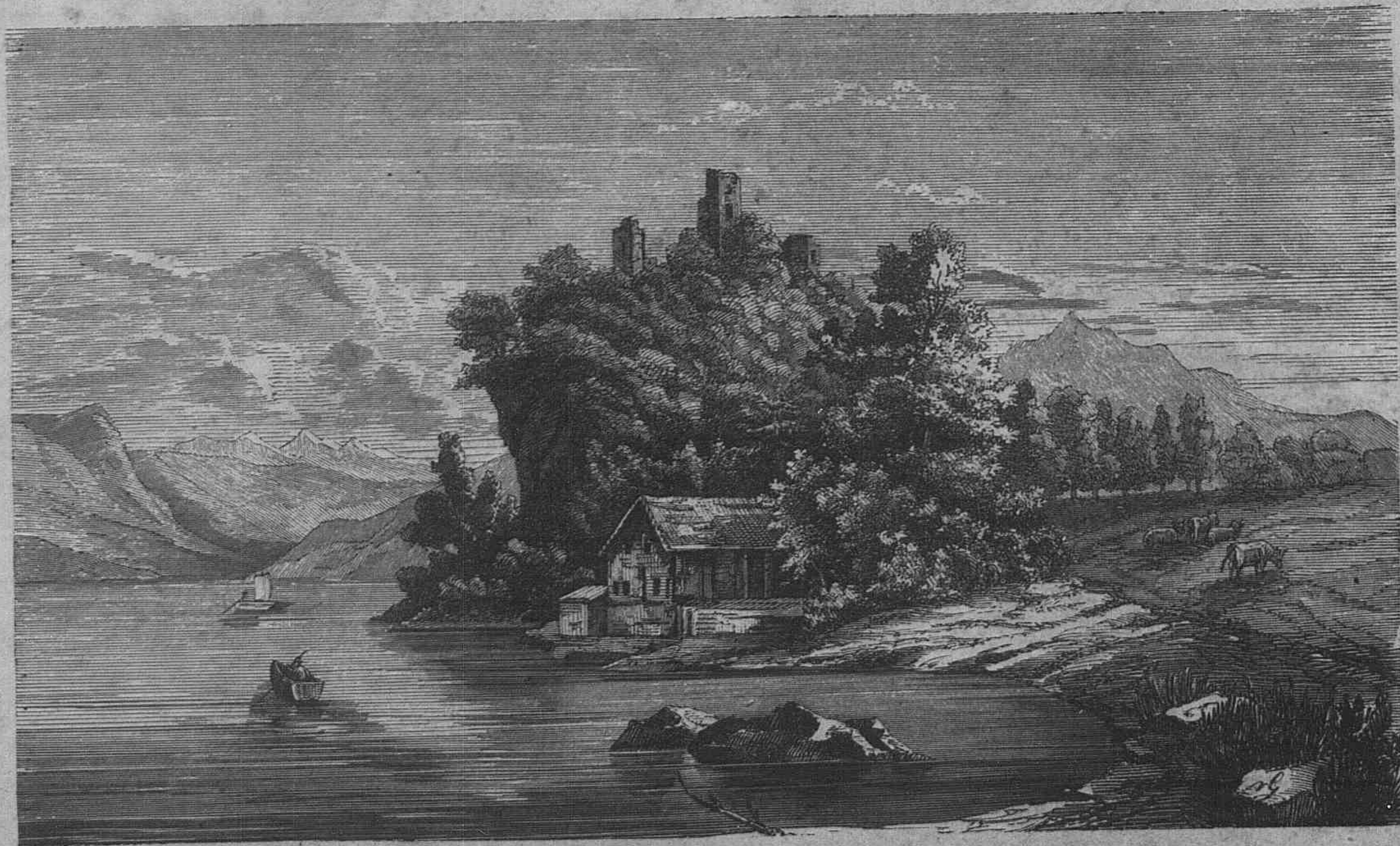
O CASTELLO DE HABSBURGO.

GRAVURAS SOBRE MADEIRA.

Este castello situado sobre a margem direita do Aar perto do Wulpelsberg, montanha suissa do Cantão de Argovia, foi o berço da dynastia imperial da casa de Austria; elle foi construido no anno de 1020 por Wernher, bispo de Habsburgo, um dos mais antigos membros da dita familia. O Castello é hoje em dia completamente inhabitavel apresentando só ruinas e uma torre antiga que foi o quarto particular do afamado conde Rodolpho.



JORNAL DAS FAMILIAS.



RUINAS DO CASTELLO DE HABSBURGO (SUISSA).



Delcombe imp. à Paris.

JORNAL DAS FAMILIAS

XV Anno Agosto 1877.

JORNAL DAS FAMILIAS

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

O JORNAL DAS FAMILIAS sahe uma vez por mez, com 32 paginas de impressão, no formato d'este numero.

No fim de um anno terão os nossos assignantes um elegante volume de 384 paginas de litteratura amena, algumas illustrações, muitas gravuras sobre aço, desenhos á aquarella coloridos, ditos de trabalhos de crochet, lã e bordados; moldes de enfeites para senhoras, figurinos e peças de musica ineditas, etc.

As assignaturas são feitas por um anno, a contar de Janeiro a Dezembro.

PARA O RIO DE JANEIRO E NICTHEROY
10\$000

PARA AS PROVINCIAS
12\$000

NUMERO AVULSO : 1\$000

As assignaturas são pagas na occasião de serem tomadas.

As pessoas que quizerem honrar este jornal com a sua collaboração terão a bondade de remetter os seus artigos, em carta fechada, á commissão da *Redacção do Jornal das Familias*, rua do Ouvidor, 65, livraria de **B. L. GARNIER, Rio de Janeiro**, ou em **Paris, rua de l'Abbaye, 14**. Aceitão-se sobretudo com prazer os artigos instructivos e que tratarem de economia domestica, hygiene e interesses do Brasil; esses artigos, porém, não poderão mais ser reclamados por seus autores, ainda quando por qualquer motivo deixem de ser publicades.

CORRESPONDENTES DO JORNAL DAS FAMILIAS

| | | | |
|---------------------------|--|--|---|
| BAHIA | Catilina e C ^a . | PARAHYBA DO NORTE. | Carlos Auxencio Monteiro da Franca. |
| — | Alves e Filhos. | PASSO FUNDO DAS | } Antonio José da Silva Loureiro. |
| CAMPANHA | Bernardo Saturnino da Veiga. | MISSÕES R. G. SUL | |
| CAMPOS | Costa e Silva. | PELOTAS | Carlos Pinto e C ^a . |
| — | Jozé Vaz Correa Coimbra. | PERNAMBUCO | Walfredó e Souza. |
| — | João Maria de Mendonça. | — | José Nogueira de Souza. |
| CANTAGALLO | Guilherme Sauerbronn e Irmão. | — | De Lailhacar e C ^a . |
| — | Dr Hereulano José de Oliveira Mafra. | — | Silva Cardoso e Pessoa. |
| CEARÁ | Joaquim José de Oliveira e C ^a . | PINDAMONHANGABA } (S. Paulo.) | Nicolao de Arede Tavares. |
| CUYABÁ | Ant. Thomas de Aquino Correa Junior. | PORTO-ALEGRE | Joaquim Alves Leite. |
| — | Francisco de Maria Albernaz. | — | D. Maria C. Marcus. |
| GOYAZ | João Pedro Ribeiro Mendes. | REZENDE (Rio-Jan ^o). | Francisco Nunes Fernandes. |
| JUIZ DE FORA | Francino Tavares da Costa. | RIO-GRANDEDOSUL. | Daniel de Barros e Silva. |
| MACEIO | Anthero Dias Lopes. | SANTA CATHARINA | D. Maria de Albuquerque. |
| MACAHE | Abel Maria de Souza e C ^a . | — | Dr Duarte Paranhos Shutel. |
| MANAOS | A. Pereira Ramos de Almeida e C ^a . | S. FIDELIS | Brandão e C ^a . |
| MARANHÃO | Gonçalves et Pinto. | — | Alves e Martinho. |
| — | Magalhães e C ^a . | S. GABRIEL | Antonio de Vasconcellos. |
| MOGY-MERIM (S. Paulo). | João Alberto d'Oliveira Prado. | S. PAULO | A. L. Garraux. |
| OURO PRETO | David Moretysohn Filho. | — | Miguel A. Borges Leal Costello Branco. |
| — | Januaria F. P. de Carvalho. | THERESINA | Ant. Billencourt de Amarante e C ^a . |
| — | José Maria da Silva. | TRES CORAÇÕES DO } RIO VERDE | E. Chardron. |
| PARÁ | Tavares Cardozo e C ^a . | BRAGA (Portugal) | — |
| — | Vianna e Silva. | PORTO | — |
| — | A. J. Soares Souza Jr. | LISBOA | Viuva Bertrand e C ^a . |
| PARAHYBA DO SUL | | — | E. Belhatte. |
| | | PARIS | |

EXTRACTO DOS CATALOGOS DA LIVRARIA B. L. GARNIER, RUA DO OUVIDOR, 63

A. de Albuquerque Gama.

ELEMENTOS DE DESENHO LINEAR, compendio approved pela Escola Normal de Pernambuco para uso dos alumnos-mestres do segundo anno. 1 v. in-8° cart. . . . 1\$000

Conego Schmid.

CONTOS, traduzidos por Nuno Alva- res. 1 v. in-12. 1\$000

P. de Alcantara Bellegarde.

ALGEBRA, compendio elementar. Nova edição correcta e augmentada. 1 v. in-4° br. 1\$000

ARITHMETICA ELEMENTAR. Nova edição correcta e augmentada. 1 v. in-4° br. 1\$000

GEOMETRIA, compendio elementar. Nova edição correcta e toda augmentada. 1 v. in-4° br. . . . 1\$000

METROLOGICA, compendio elementar. Nova edição correcta e augmentada 1 v. in-4° br. 1\$000

Dr. Ascanio Ferraz da Motta.

ARITHMETICA (Pequeno curso de) para uso das escolas primarias. 1 v. cartonado. \$500

P. Ignacio Felizardo Fortes.

ARTE DE GRAMMATICA PORTUGUEZA. 14ª edição. 1 v. in-8°. . . 1\$000

J. Norberto de Souza e Silva.

BRAZILEIRAS CELEBRES 1 v. 2\$000

José Bernardo de Coimbra.

BREVES NOÇÕES DE GEOMETRICA ELEMENTAR, dispostas segundo o programma do Imperial Collegio de Pedro II. 1 v. in-4° br. . . . 2\$000

J. Praxedes P. Pacheco.

BREVES NOÇÕES para se estudar com methodo a Geographia do Brazil, ensaio para primeira tentativa. 1 v. enc. 1\$500, br. 1\$000

Dr. J. C. Fernandes Pinheiro.

CATECHISMO DA DOCTRINA CHRISTA, composto para o ensino dos alumnos do imperial Instituto dos meninos cegos; adoptado pelo Conselho de Instrucção Publica da Corte, para o uso das escolas primarias, e seguido em grande numero de collegios, tanto da Corte, como das Provincias; 6ª edição correcta e augmentada. 1 v. in-8° br. 1\$000

CURSO ELEMENTAR DE LITTERATURA NACIONAL. 1 v. nitidamente impresso e encadernado em Paris. 7\$000

RHETORICA E POETICA. Postilhas dictadas aos alumnos do Imperial Collegio de Pedro II. 1 v. in-8° enc. 1\$000

GRAMMATICA DA INFANCIA. 4ª edição correcta e melhorada. 1 v. enc. 1 000

GRAMMATICA THEORICA E PRATICA da Lingua Portugueza. 1 v. elegantemente impresso e encad. 2\$000

HISTORIA SACRADA illustrada, para uso da infancia, seguida d'um ap-

pendice contendo: 1ª uma relação analytica dos livros do Antigo e Novo Testamento; 2ª uma tabella chronologica dos principaes acontecimentos; 3ª um vocabulario geographico explicativo dos nomes dos povos e paizes mencionados na mesma historia. 5ª edição correcta e augmentada. 1 bello v. in-8° enriquecido de numerosas gravuras, enc. 3\$000

EPISODIOS DA HISTORIA PATRIA contados á infancia. 7ª edição melhorada. 1 v. enc. 1\$000

Antonio Maria Barker.

COMPENDIO DA DOCTRINA CHRISTA, que, para se salvar, deve cada um saber, crer e entender. Nova edição, 1 v. br. \$200

RUDIMENTOS ARITHMETICOS ou taboadas para por ellas ensinarem pratica e especulativamente as regras das quatro operações dos inteiros, com as principaes geraes dos quebrados ordinarios e decimaes. 1 v. br. \$200

Cyrillo Dilermando da Silveira.

COMPENDIO DE GRAMMATICA DA LINGUA PORTUGUEZA, da primeira idade, obra adoptada pelo Conselho de Instrucção Publica. 1 v. in-4° enc. 2\$000

A. E. Monteverde.

COMPENDIO DA GRAMMATICA PORTUGUEZA para uso das escolas de instrucção primaria. 1 v. in-8° enc. 1\$000

Dr. Moreira de Azevedo.

COMPENDIO DE HISTORIA ANTIGA, adoptado pelo Conselho Director da Instrucção primaria e secundaria do Municipio da Corte. 3ª edição correcta e augmentada, impresso em Paris. 1 v. enc. 3\$000

A. José das Neves Maldonado Bandeira.

COMPENDIO DA HISTORIA DO ANTIGO TESTAMENTO E DO NOVO TESTAMENTO, com as razões com que se prova a verdade da nossa religião. 5ª edição offerecida ao Exm. e Revm. Sr. Bispo de Marianna, D. Antonio Ferreira Viçosa, conde de Conceição. 1 v. 1\$000

J. B. Calogeras.

COMPENDIO DA HISTORIA DA IDADE MEDIA, ornado de um grande e magnifico mappa da invasão dos barbaros, e de quadros synochonicos, obra adoptada pelo Conselho de Instrucção com approvação do Governo Imperial. 2 v. in-8° enc. 8\$000

José Soriano de Souza.

COMPENDIO DE PHILOSOPHIA, ordenado segundo os princípios e methodo de S. Thomaz d'Aquino. 1 grosso v. in-4° enc. . . . 10\$000

Fr. F. de Mont' Alverne.

COMPENDIO DE PHILOSOPHIA. 1 v. in-4° enc. 4\$000, br. . . . 3\$000

Abbate Barbe.

CURSO ELEMENTAR DE PHILOSOPHIA, traduzido pelo Dr. João Soares Martins. 1 v. enc. 6\$000, br. 5\$000

Camillo Trinocq.

CURSOS DE ESTUDOS ELEMENTARES. Collecção de tratadinhos separados, contendo as mais uteis noções acerca dos principaes ramos de conhecimentos, comprehendendo:

PRIMEIRO LIVRO DE LEITURA, contendo: Syllabario, Orações, Historietas, Noções de Arithmetica, Modelos de letra manuscripta. 1 v. in-8°. 1\$000

RESUMO DA GEOGRAPHIA GERAL, antiga e moderna. 1 v. in-8° 1\$000

MYTHOLOGIA. 1 v. in-8° 1\$000

RESUMO DA HISTORIA SANTA, contendo o Antigo e Novo Testamento 1 v. in-8°. 1\$000

RESUMO DA HISTORIA DA EUROPA Antiga. 1 v. in-8°. 1\$000

RESUMO DA HISTORIA DA EUROPA durante a Idade Media. 1 v. in-8°. 1\$000

RESUMO DA HISTORIA DA EUROPA Moderna. 1 v. in-8° 1\$000

RESUMO DA HISTORIA DA AMERICA. 1 v. in 8°. 1\$000

ELEMENTOS DE ASTRONOMIA, seguidos de uma noticia acerca do Calendario. 1 v. in-8°, com um Planisphero celeste . . . 1\$000

Monsenhor Daniel.

CURSO DE HISTORIA UNIVERSAL, traduzido e continuado até nossos dias, pelo Dr. Joaquim Maria de Lacerda. 4 v. in-8° 8\$000

Cada volume se vende tambem separadamente:

HISTORIA ANTIGA, contendo: Historia Sagrada, Historia dos Egyptios, dos Assyrios, Medos e Persas; Historia da Grecia e Romana. 1 v. 2\$000

HISTORIA DA IDADE MEDIA. 1 v. in-8° 2\$000

HISTORIA MODERNA. 1 vol. in-8° 2\$000

HISTORIA CONTEMPORANEA. 1 v. in-8° 2\$000

Dr. Joaquim Marcos de Almeida Rego.

DICCIONARIO DAS PALAVRAS DE CORNELIO NEPOS. Obra approved pelo Conselho de Instrucção Publica e adoptada no Imperial Collegio de D. Pedro II. 1 v. in-12 enc. 1\$500

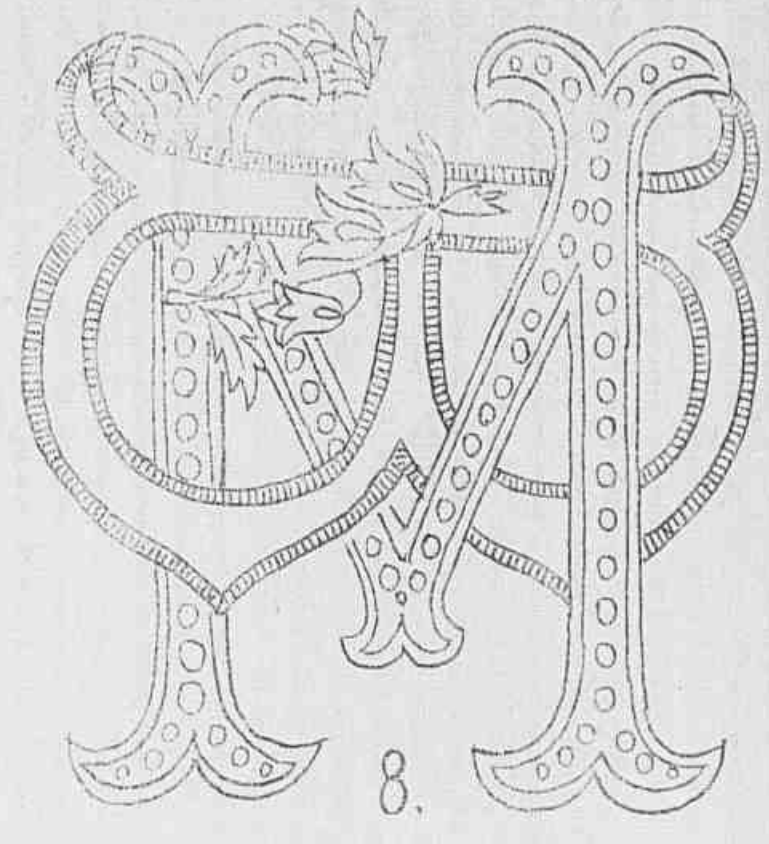
A mesma obra com o Cornelio 2\$000

Antonio Bordo.

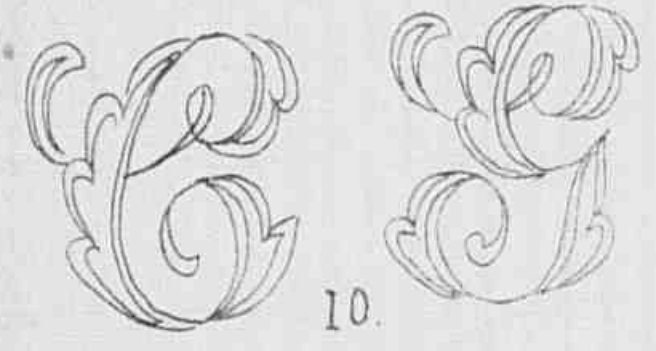
DICCIONARIO ITALIANO-PORTUGUEZ e Portuguez-Italiano. 2 fortes v. in-8° grande, bem enc. . . 15\$000

MOLDE D'UM PALETÓ.

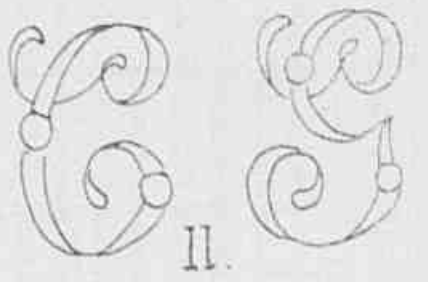
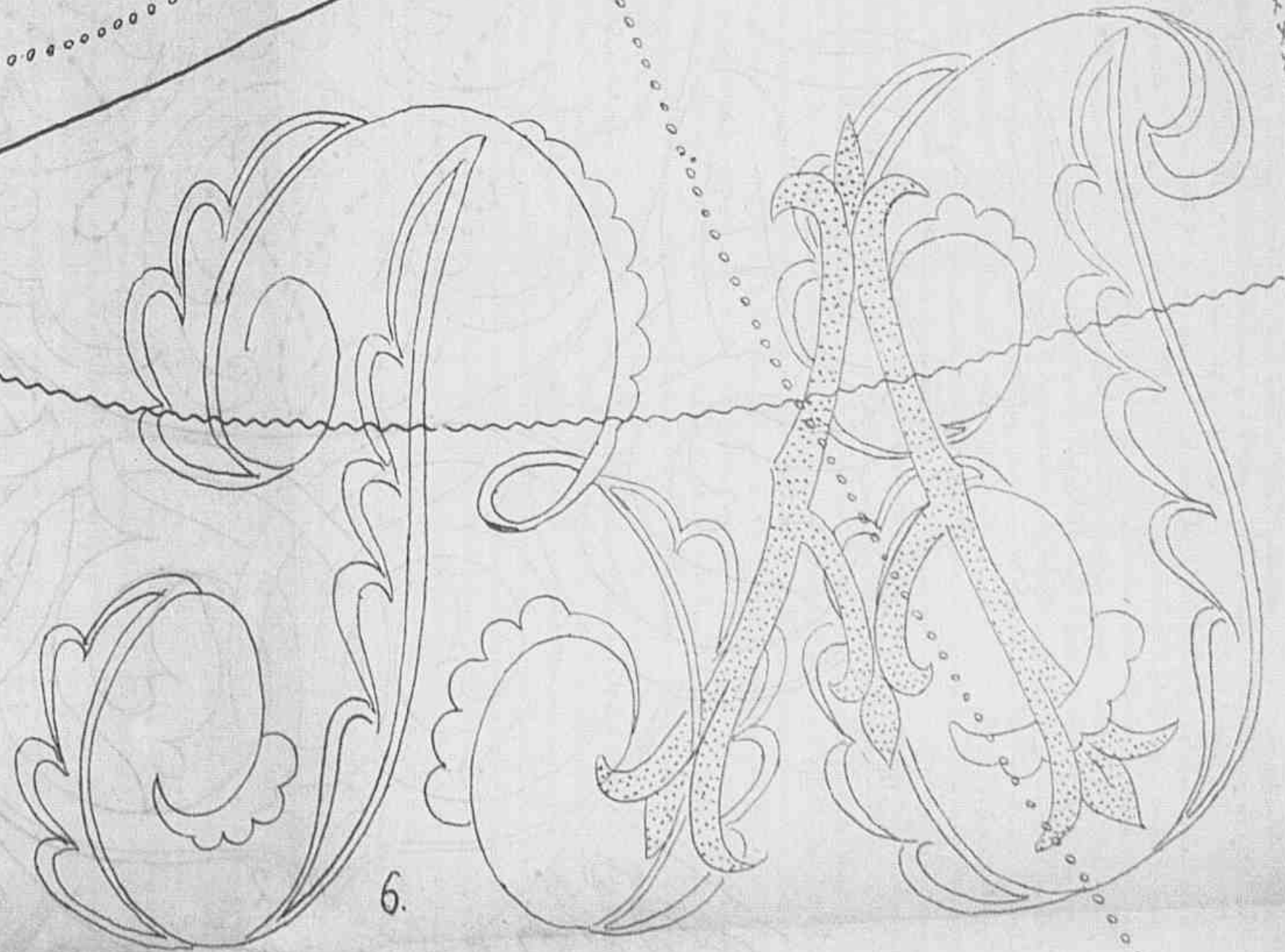
2. Costas



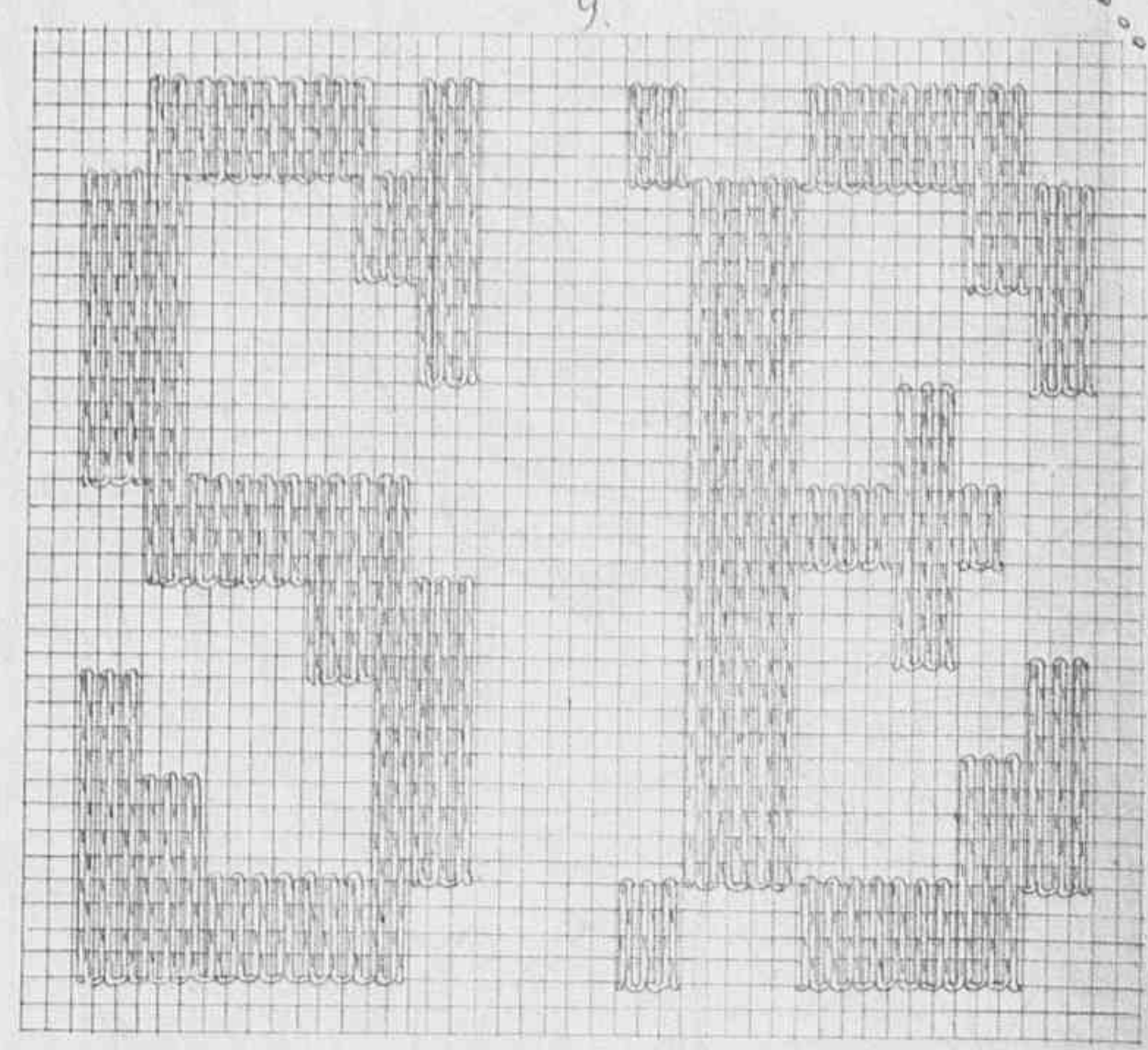
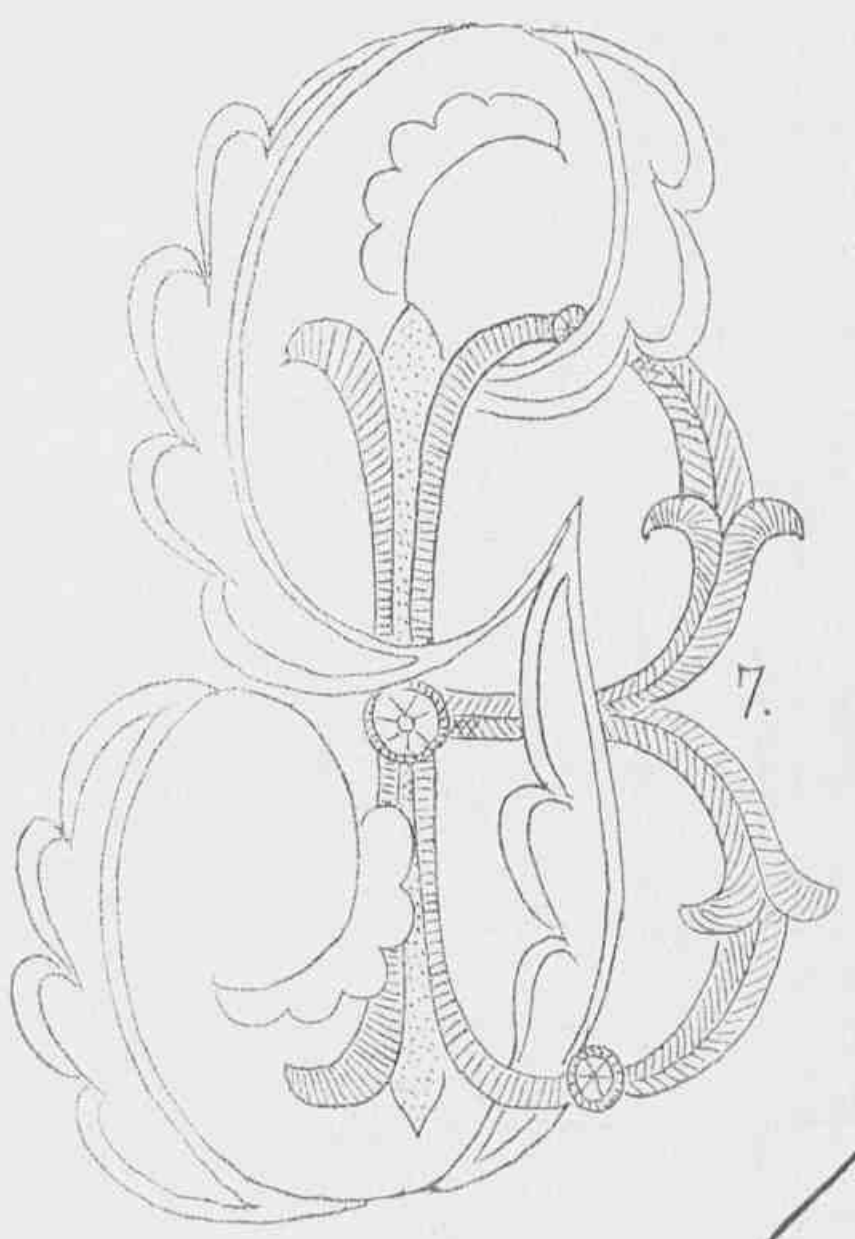
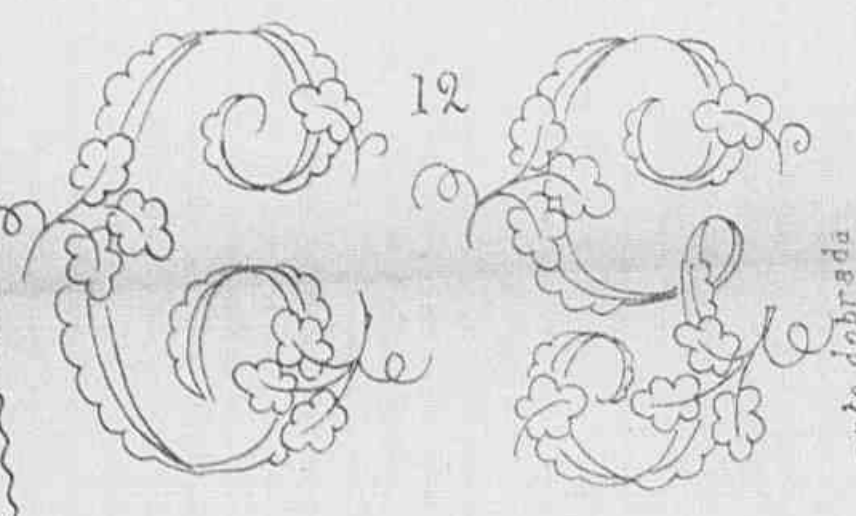
4. Parte superior da manga



Parte inferior



3. Pequeno lado



1 Frente

parte dobrada

parte dobrada

parte dobrada